



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ

NOTES ON EGOISM IN NIETZSCHE AND ITS APPROACH TO THE FIRST-PERSON ETHICS PROPOSED BY GIUSEPPE ABBÀ

APUNTES SOBRE EL EGOÍSMO EN NIETZSCHE Y SU APROXIMACIÓN A LA ÉTICA EN PRIMERA PERSONA PROPUESTA POR GIUSEPPE ABBÀ

Edson Muryllo Rodrigues Paes¹

e483804

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3804>

PUBLICADO: 08/2023

RESUMO

O presente trabalho busca explicitar o que é a moral da compaixão, entendendo o seu significado e suas limitações. Colocar-se à disposição do outro como renúncia de si mesmo, ou seja, o altruísmo, se tornou a grande chave para a convivência da sociedade aos moldes cristãos. Decorrente disso, o egoísmo foi visto como uma mácula no indivíduo, sendo associado à uma ideia de fechamento de si aos demais sujeitos. O fato é que Nietzsche empreende a tarefa de resgatar o conceito puro do que seria o egoísmo, associando este primeiramente como amor a si mesmo. O indivíduo precisa passar, por exemplo, pela experiência do amar-se a si próprio para então conseguir amar o outro. E como forma de combater a compaixão, Nietzsche fala da amizade. As relações humanas se dão a partir da afirmação de si e um estabelecimento de afeto com outra pessoa, o que por sua vez, não anula o outro, mas reconhece o que e quem o outro é. Falar em egoísmo é associá-lo à ideia do transbordamento, isto é, a partir do momento em que o eu se transborda de alegria, é que poder-se-á compartilhá-la com os outros. E por fim, apresentar-se-á o que seria Ética de Primeira Pessoa e Ética de Terceira Pessoa na perspectiva de Giuseppe Abbà, relacionando-as com o egoísmo e a moral da compaixão, conforme Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade. Compaixão. Egoísmo. Giuseppe Abbà. Nietzsche.

ABSTRACT

The present work seeks to explain what the morality of compassion is, understanding its meaning and its limitations. Putting oneself at the disposal of the other as a renunciation of oneself, that is, altruism, has become the great key to the coexistence of society in the Christian mold. As a result, egoism was seen as a stain on the individual, being associated with an idea of closing oneself to other subjects. The fact is that Nietzsche undertakes the task of rescuing the pure concept of what egoism is, associating it primarily as love for oneself. The individual needs to go through, for example, the experience of loving himself in order to be able to love the other. And as a way to combat compassion, Nietzsche speaks of friendship. Human relationships take place from the affirmation of self and an establishment of affection with another person, which in turn does not annul the other, but recognizes what and who the other is. To speak of egoism is to associate it with the idea of overflow, that is, from the moment the self overflows with joy, it is that one can share it with others. And finally, it will be presented what would be First-Person Ethics and Third Person Ethics in the perspective of Giuseppe Abbà, relating them to selfishness and the morality of compassion, according to Nietzsche.

KEYWORDS: Friendship. Compassion. Selfishness. Giuseppe Abba. Nietzsche.

RESUMEN

El presente trabajo busca explicar qué es la moralidad de la compasión, entendiendo su significado y sus limitaciones. Ponerse a disposición del otro como renuncia a sí mismo, es decir, altruismo, se ha convertido en la gran clave para la convivencia de la sociedad en el molde cristiano. Como resultado, el egoísmo fue visto como una mancha en el individuo, siendo asociado con una idea de cerrarse a otros sujetos. El hecho es que Nietzsche emprende la tarea de rescatar el concepto puro de lo que es el egoísmo, asociándolo principalmente como amor por uno mismo. El individuo necesita pasar, por

¹ Graduado e especialista em Filosofia. Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

ejemplo, por la experiencia de amarse a sí mismo para poder amar al otro. Y como una forma de combatir la compasión, Nietzsche habla de amistad. Las relaciones humanas tienen lugar a partir de la afirmación del yo y un establecimiento de afecto con otra persona, que a su vez no anula a la otra, sino que reconoce qué y quién es el otro. Hablar de egoísmo es asociarlo con la idea de desbordamiento, es decir, desde el momento en que el yo rebosa de alegría, es que uno puede compartirlo con los demás. Y finalmente, se presentará lo que sería la Ética en Primera Persona y la Ética en Tercera Persona en la perspectiva de Giuseppe Abbà, relacionándolas con el egoísmo y la moralidad de la compasión, según Nietzsche.

PALABRAS CLAVE: Amistad. Compasión. Egoísmo. Giuseppe Abba. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche se empenhou em romper com a metafísica (principalmente com a cristã e a de Schopenhauer) a partir de Humano, demasiado humano, criticando um dos chamados velhos opostos: altruísmo e egoísmo. A ideia de Nietzsche é mostrar o prejudicial e censurável do egoísmo e dar a ele a boa consciência, tendo-o como a autoconservação de si, o cuidado de si, o seu prazer na expressão de sua força, em contrapartida ao sentimento de prazer na renúncia de si, como assim quer a compaixão.

Indubitavelmente, a compaixão é tida como um grande valor, sobretudo cristão, onde até o seu Deus se compadece de suas criaturas. Isso significa que compadecer-se do próximo, é buscar os valores da justiça e da caridade, por exemplo. O sujeito, agindo com compaixão, tem amenizado as suas faltas e pecados. Todavia, essa forma de compaixão estabelece uma relação de poder, isto é, a compaixão sempre é dada de um mais forte à um mais fraco. Caberia aqui o exemplo de uma moeda falsa, qual seja, não entregar o que está impresso em si, ou ainda, no caso da compaixão, prometer um valor que não tem.

Já o egoísmo, à ótica da compaixão, tem sempre a ofertar ações não morais. Isso significa afirmar que o eu sempre está à procura de si mesmo, de sua própria vantagem. Seria apenas assumir a realidade de si mesmo. É justamente sobre essa interpretação má formulada que Nietzsche busca combater. Para ele, o egoísmo é na verdade um encontro consigo próprio. O sujeito deve primeiro buscar aquilo que lhe auto beneficia, para então partilhar a sua alegria aos outros. Aqui cabe a ideia do transbordamento, ou seja, quando o eu experimenta tudo de si, ele pode partilhar com os demais.

E por fim, ainda que de modo breve, buscar-se-á explicitar o sentido dos conceitos de Ética de Primeira e Ética de Terceira Pessoa, tendo por base a obra de Giuseppe Abbà, e aproximar esses conceitos ao egoísmo conforme Nietzsche o considerou.

1 COMPAIXÃO VERSUS EGOÍSMO

O nascimento da moral (e aqui consideramos a moral ocidental) se dá na própria história. Foram as necessidades humanas que acabaram criando valores que se tornaram guias da conduta humana na sociedade. Esses “guias” da conduta humana acabaram por sua vez arrancando o sujeito de si mesmo em detrimento à obediência ao outro (Deus, amor, beleza...). Ao contrário desta entrega ao outro denominou-se então o chamado “egoísmo”, como algo negativo e prejudicial à moral dos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA
DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

bons costumes. Entretanto, Nietzsche afirma que neste caminho existe um eu desprovido de si mesmo. Assim, portanto, ele se coloca à disposição de combater o prejudicial e censurável do egoísmo, dando a ele uma boa consciência.

A partir daí, cabe destacar que o filósofo toma o egoísmo como um reencontro a si próprio. Isso porque o altruísmo (se colocar à “disposição” do outro), cria um modelo de vida (metafísico) em que o sujeito jamais conseguirá alcançar porque é humano, é físico. Daí viriam, por exemplo, a frustração e a doença. E no modelo metafísico, consideramos ainda que uma coisa vem do seu oposto, o que para Nietzsche é impossível, pois, para este modelo existir, é necessário a negação da gênese do seu contrário. E como é possível negar a gênese do seu contrário, pois para se sustentar é preciso reconhecer a existência do seu oposto?

No aforismo 1 do primeiro capítulo de Humano, demasiado humano, Nietzsche expressa sua inquietação:

como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros? (Nietzsche, 2000).

A moralidade é resultado da necessidade de a humanidade estabelecer alguns conceitos metafísicos (alma, pecado, virtude...) como bons e outros como maus. De toda forma, Nietzsche compreende que o não egoísmo, na verdade, não possui atos de maldade em si: um ato de não egoísmo estaria próximo à um feito simplesmente aparente: não cabe utilizar o termo eticamente correto, mas “eticamente acostumado” aos costumes de uma comunidade dita como “altruísta”.

Empreendidos estes esclarecimentos, resta-se a compreender então, o que seria o egoísmo. Para Nietzsche, egoísmo nada mais é do que “o sentimento de prazer na expressão da força do indivíduo”, ao passo que seu contrário seria “o sentimento de prazer na renúncia do indivíduo”. Assim sendo, o egoísmo é um prazer em si mesmo, em sua força, em seu amor, ao passo que seu contrário é uma fraqueza, uma extração de forças de si mesmo em prol do outro. É aqui que surge o termo “compaixão”, ou seja, o abandono de si para entrega ao outro.

Para Nietzsche, a compaixão nada mais é do que um sentimento a ser provocado no observador: um infeliz busca transmitir sua dor a um outro que “ainda encontra poder em si mesmo” para consolá-lo. O que seria isso senão uma compaixão, uma necessidade de ajuda com sentimento de superioridade de um sobre o outro? Oferecer compaixão, mesmo que inconscientemente, portanto, equivale a desprezar. Não se quer ver alguém desprezível sofrer, isso não oferece prazer. Aqui justamente volta-se naquela discussão da interpretação do egoísmo pelo cristianismo. A partir do momento em que um sujeito oferta sua compaixão ao doente, diretamente proporcional esse sujeito se isenta, ou pelo menos diminui, seus sofrimentos, seus pecados:

O ato de piedade não ocorre por si, de forma desinteressada, mas sim através do egoísmo do agente, pelo medo inconsciente de perder a sua honra frente aos outros, e também por causa da vergonha que ele passa pela sua incapacidade de ajudar. Também aquele que recebe ajuda a aceita por egoísmo, mas é um egoísmo de um tipo mais fraco justamente por aceitar a ajuda. Ele não possui meios para se



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA
DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

defender, ou uma capacidade para aceitar a dor de forma honrada. O impulso da compaixão não provém daquele que sofre, mas do próprio agente compassivo e é uma paixão que busca gratificações e a extravasar o poder sobre um indivíduo sofredor. É, portanto uma atitude egoísta inconsciente que move o piedoso a pensar no próximo e também para esquecer a si próprio. Esta paixão tem, pois, este critério de ter que amar a quem não se é digno de ser amado (Medeiros, 2012, p. 20).

Na leitura de Schopenhauer, segundo Medeiros (2012), a ação ao próximo deve ser desinteressada e possuir a mesma intensidade com que se pensa em si mesmo: “O agente deve ter consciência da dor do outro na mesma proporção em que sente a dor em si mesmo. Para Schopenhauer esta condição é real, pois está presente no fenômeno da compaixão” (Medeiros, 2012). Já Nietzsche, pelo contrário, critica a moral a partir de sua pretensão em adentrar na vida do outro, a chamada “duplicação do eu”. Em outras palavras, a razão cometeu um grave erro a partir do momento em que considerou a ação do sentir pelo outro e elevou-a a um requisito moral. Para Nietzsche, não se sente pelo outro; conseguimos sentir apenas por nós mesmos, pois não amamos alguém, por exemplo, mas sim, os outros é que despertam sentimentos em nós.

Observar os acontecimentos de nossa vida com os mesmos olhos com que observamos os acontecimentos da vida de outro — tranquiliza muito e é um remédio recomendável. Observar e acolher, pelo contrário, os acontecimentos da vida dos outros como se fossem os nossos — exigência de uma filosofia da compaixão — isso nos destruirá totalmente em muito pouco tempo; que se faça, pois, a experiência sem mais delongas. (Nietzsche, 2007, aforismo 137).

Nietzsche procura ilustrar sua posição através da moral da “décadence”. A finalidade desta moral é atribuir incondicional valor ao chamado “altruísta” e desprezo ao “egoísta”. Se o sujeito não busca sua autoconservação, se não tem cuidado com aquilo que lhe auto beneficia, o resultado é a degeneração do todo. Portanto, esse desprezo consigo mesmo é senão, a moral da “décadence”.

Para combater a ausência de si como moral, o egoísmo é colocado pelo filósofo como o centro de gravidade, o qual o eu é uma pluralidade de forças onde tudo o que faz é em torno e a partir de si mesmo. Assim sendo, o egoísmo é um “ver perspectivístico”, isto é, aquele que julga e vê as coisas para fins de preservação. Neste ponto é necessário compreender que aquele que observa as coisas para fins de preservação não se assemelha a um individualista, mas àquele que está numa linha ascendente da vida, buscando sua conservação. Para Medeiros (2012),

O indivíduo deve se amar em primeiro lugar, senão ele não é digno de amor. Como uma ética da compaixão só pode pregar o amor ao outro se, então em primeiro lugar, ele deve negar aquilo que para o agente lhe é mais semelhante, íntimo: o “eu”? As éticas da compaixão forçam o esquecimento do desprezo aos outros, assim a afirmação “positiva” do eu é esquecida. Acontece então uma transformação e é o eu que se torna desprezível, o sentimento de miseração nos outros é santificado. O problema é que nesta ética o indivíduo procura nos outros o que ele mesmo não tem. (Medeiros, 2012).

Mas também é necessário esclarecer que Nietzsche, ao discutir sobre a moral, identifica o processo de moralização do “egoísmo”. Isso significa afirmar que neste processo, o indivíduo é identificado como egoísta a partir do momento em que busca as coisas para si próprio, quer a sua



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA
DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

própria vantagem, mesmo que isso gere consequências para os outros. Essa visão do egoísmo acaba sendo associada, por exemplo, às doutrinas solipsistas.

Parte deste processo de moralização do egoísmo está ligada à sua interpretação pelo cristianismo. O egoísmo é tido como um agravamento da vida, como um desprezo de si mesmo, em total abandono de si mesmo em virtude ao outro. Mas, como Nietzsche prevê, surge uma questão sobre o abandono de si: se o interesse de si próprio é condenado, como e por que almejar a imortalidade da vida, como vontade de si?

Existe um problema nesta suposta ética de que ao demonstrar que todos são iguais, isso inclui o eu. Assim, se o "eu" é desprezível e todos são iguais ao "eu", então todos são desprezíveis. O caminho mais natural seria justamente a busca pelo nada e a estagnação dos impulsos. Uma simples falácia no modo bárbara parece derrubar a moral da compaixão, pois demonstra a sua contradição interna: (A) "o eu É desprezível", (B) "eu sou igual ao todo" e (C) "logo o todo também é desprezível". (Medeiros, 2012).

Por fim, Nietzsche afirma que a prática da compaixão deixa o eu para trás. Ela acaba sendo um ato de esconderijo, ou seja, a benevolência que exclui a si em virtude do outro. Sumariamente, quem recebe a compaixão acaba perdendo toda a sua honra, ao passo que, quem "doa" compaixão está sujeito a passar por qualquer dificuldade em prol de sua admiração.

2 A AMIZADE COMO UMA CONTRAPOSIÇÃO À COMPAIXÃO

Pode-se considerar a amizade como um contraponto à compaixão, a partir do momento em que Nietzsche considera a figura do amigo como aquele que compreende a dor e ajuda na mesma intensidade com que se ajuda a si mesmo. Em *A Gaia Ciência*, encontra-se:

Se quiseres ajudar alguém, ajuda aqueles de quem compreendes inteiramente o sofrimento, aqueles que têm contigo uma alegria e uma esperança em comum- teus amigos: e somente da maneira como tu te ajudas a ti mesmo: - "quero torná-los mais corajosos, mais tolerantes, mais simples, mais alegres! Quero lhes ensinar aquilo que hoje tão pouca gente compreende e esses pregadores da compaixão menos que ninguém: - não mais o sofrimento comum, mas a alegria comum!" (Nietzsche, aforismo 338).

Como proposta contrária à ética de compaixão, Nietzsche propõe a ética da amizade, a qual, segundo Oliveira (2010), possui as seguintes características:

1) só se ajuda aquele com o qual se partilha as mesmas experiências e vivências mais próprias – e esses são os amigos; 2) isso porque só se ajuda o outro como se ajuda a si mesmo; 3) sendo assim, nota-se como essa partilha depende da afirmação de si mesmo; 4) ao outro se quer dar as virtudes que ajudam a fortalecer a vida, a incrementar as forças vitais individuais; 5) essas virtudes são contrárias àquelas promovidas pela moral da compaixão porque estão embasadas numa partilha da alegria, enquanto aquela está erguida sobre a partilha da dor (Oliveira, 2010, p. 367).

Um projeto ético com a amizade, significa afirmar que as relações humanas se dão a partir da afirmação de si mesmo, e de um estabelecimento de afeto com outra pessoa que não o anula, mas sim que reconhece quem o outro é. Em outras palavras, é a partir do transbordamento de si mesmo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

que a alegria poderá ser compartilhada com os outros. Num trocadilho com Schopenhauer que diz que “todo amor autêntico é compaixão” (Pereira, 2011, p. 78), Nietzsche afirma que “todo amor é egoísmo” (Medeiros, 2012, p. 28).

A decadência que outrora citamos aqui, é para onde a sociedade compassiva caminha. É o que Nietzsche diz a respeito dos sacerdotes ascéticos, ou seja, eles desejam e querem ver a sociedade declinada para manter a sua relação de domínio. E esse declínio acaba gerando uma degeneração de potência e também fisiológica.

Quando, no interior do organismo, o órgão mais insignificante descarta, mesmo por um mínimo, de impor com total segurança sua autoconservação, sua renovação de forças, seu “egoísmo”, o todo degenera. O fisiólogo exige a extirpação da parte degenerada, ele nega qualquer solidariedade ao degenerado, está o mais longe possível da compaixão por ele. Mas o sacerdote quer exatamente a degeneração do todo, da humanidade: por isso conserva o que degenera — a este preço ele a domina... Que sentido têm aqueles conceitos mentirosos, os conceitos auxiliares de moral, “alma”, “espírito”, “livrearbítrio”, “Deus”, senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade?... Quando se retira a seriedade da autoconservação, da fortificação do corpo, ou seja, da vida, quando se faz da anemia um ideal, do desprezo ao corpo a “salvação da alma”, que é isto, senão uma receita de decadência? (Ecce Homo, Aurora aforismo 2).

Por fim, conclui-se então que uma ética perspectiva, à luz de Nietzsche, é onde o eu tem lugar, seja em mim seja no outro. E o nome disso é amizade, cuja base é a alegria.

3 A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA E O EGOÍSMO EM NIETZSCHE: UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO

Feitas as considerações sobre o egoísmo nietzscheano, tentar-se-á aproximá-lo da chamada Ética de Primeira Pessoa na perspectiva de Giuseppe Abbà. Seria muita ousadia discutir esses conceitos brevemente neste trabalho. Entretanto, apresentar-se-á de forma breve alguns pontos que se aproximam entre si.

A Ética de Primeira Pessoa, segundo Canelón (2012),

Las éticas que se elaboran desde el punto de vista de la primera persona tienen como característica fundamental ocuparse del bien supremo del hombre, es decir, del bien de la vida humana considerado en su integridad. Este bien “total” del hombre sólo puede ser tal si se considera desde la perspectiva de la propia persona que actúa, y de cómo en consecuencia sus acciones contribuyen a su bien integral o no (Canelón, 2012, s.p.).

Portanto, na perspectiva da Ética de Primeira Pessoa, existe a necessidade do decisor estar envolvido em sua decisão, isto é, “a filosofia moral reflete, precisamente, sobre o sujeito enquanto autor, e não o considera, simplesmente, como causa eficiente de comportamento” (Abbà, 2011, p. 432).

Contraposta à essa perspectiva, existem as chamadas “Éticas de Terceira Pessoa”. Para Canelón (2012),

[...] la ética de la tercera persona no se involucra con el bien total del que actúa, sino sólo le interesa su acción, que casi siempre termina siendo considerada aisladamente. Cae también en el ficismo, que consiste en quedarse en las características externas de la acción misma, en lo que llamaríamos lo “físico” de la



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

acción, interesándose apenas por la intención del que actúa o por sus circunstancias particulares (Canelón, 2012, s.p.).

A Ética de Terceira Pessoa, por sua vez, também é baseada em um “cálculo de utilidades” (CANELÓN, 2012, s.p.). Para Abbà (2011):

Estes indivíduos abstratos e desvinculados perseguem um fim igualmente abstrato e indeterminado: a satisfação dos próprios interesses, a gratificação, o bem-estar. É um fim independente de atividades específicas, externo a quaisquer práticas: toda prática é boa contanto que sirva como meio para este fim (Abbà, 2011, p. 400).

Vale lembrar que, para Abbà (2011), a tomada de consciência é a ação fundamental para a passagem da Ética de Terceira Pessoa à Ética de Primeira Pessoa:

A consciência moral permite, de fato, reconhecer a distorção e a iniquidade de comportamentos aceitos, enquanto incoerentes com as razões últimas do *ethos*. Suposta a exigência de justiça como razão última do *ethos*, a pessoa consciente pode criticar como injustas normas tradicionalmente reconhecidas como justas [...] (Abbà, 2011, p. 34).

Diante destas informações, pode-se afirmar que o sujeito egoísta conforme sugere Nietzsche, é um homem bom, que corresponde à Ética de Primeira Pessoa, uma vez que este se ocupa do bem da vida humana, considerando-a em sua integridade. Isso quer dizer que, o indivíduo ao ocupar-se desta integridade, estaria incluindo-se a si mesmo e ao outro:

La ética de la primera persona responde al deseo que tiene todo ser humano de plenitud, de felicidad completa, y de excelencia personal. Evidentemente, logrando esto la persona contribuirá a forjar la plenitud, la felicidad y la excelencia de los demás, pues una persona buena, en el sentido fuerte y pleno de la palabra, produce a su alrededor un halo de bondad y de humanidad con benéficas consecuencias (CANELÓN, 2012 s.p.).

Ao contrário, temos a Ética de Terceira Pessoa, a qual se assemelha à moral da compaixão anteriormente explanada, uma vez que o sujeito atua por benefícios em seu favor. Uma Ética de Terceira Pessoa considera que toda prática é boa desde que traga vantagem ao sujeito que atua. Para Medeiros (2012, p. 20) “O ato de piedade não ocorre por si, de forma desinteressada, mas sim através do egoísmo do agente, pelo medo inconsciente de perder a sua honra frente aos outros”.

Conclui-se, portanto, que o “egoísmo saudável” como prevê Nietzsche é praticável na sociedade hodierna, uma vez que, como outrora já se falou, o indivíduo precisa estar transbordante de si, para ofertar-se aos demais. É essa harmonia do cuidado de si e cuidado com o próximo, que se configura a Ética de Primeira Pessoa na perspectiva de Giuseppe Abbà.

4 MÉTODO

A metodologia empregada consistiu em duas etapas que, ao final, compõem a arquitetura deste trabalho. Em todas as etapas utilizou-se pesquisas bibliográficas acerca do tema.

A primeira etapa baseou-se na apresentação de termos essenciais acerca da amizade, compaixão e egoísmo na filosofia de Friederich Nietzsche. E a segunda etapa, baseou-se na



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA
DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

apresentação de alguns elementos essenciais da Ética de Primeira Pessoa, proposta pelo filósofo italiano Giuseppe Abbà, buscando o estabelecimento de um diálogo com a filosofia nietzschiana.

Essas duas etapas foram acompanhadas por pesquisas bibliográficas e complementares. As principais são aquelas que apresentaram os temas em suas essências. Já as complementares são aquelas que foram responsáveis por auxiliar a apresentação dos temas específicos, ou também, que reforçaram os temas centrais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES

Conclui-se ao final deste trabalho o fato de que o egoísmo, como afirma Nietzsche, não é algo prejudicial, de agravamento da vida. O egoísta na verdade é um sujeito que cuida de si mesmo, que tem amor a si mesmo. Ao transbordar-se de si, surge a possibilidade de alcançar o outro sem nenhum interesse, que é pela via da amizade.

Mas é preciso deixar claro que Nietzsche adverte que existe o chamado egoísmo saudável, que apresentamos anteriormente, e o egoísmo doentio, que é aquele em que um sujeito, tido como mais “fraco” quer tudo do outro, que é aquele em que está disposto a renunciar a si para doar-se a quem precisar. A isso, Nietzsche chama de “compaixão”. Compadecer-se não passa de uma multiplicação do sofrimento. Nietzsche se interroga como seria possível ofertar ao outro aquilo que não se tem.

Segundo Oliveira (2010), o egoísmo saudável “trata-se de um ir-ao-outro não mais pela via da falta ou da carência e, portanto, da usurpação de si e de um apoderar-se do outro pela fraude da compaixão, mas pela via de um contentamento e de uma alegria consigo que exige um derramamento”.

E para ilustrar o que seria o egoísmo doentio e o saudável, utilizou-se da proposta de Giuseppe Abbà sobre a ética, diferenciando-a em Ética de Primeira e Terceira Pessoa. A Ética de Primeira Pessoa é aquela em que os sujeitos buscam realizar ações que promovam a vida boa tanto para si quanto para o outro. É um agir de forma integrada, o que se pode aproximar com o egoísmo saudável de Nietzsche, ou seja, o sujeito busca fazer o bem a si mesmo, mas transmitir essa benevolência ao outro. Já a Ética de Terceira Pessoa é aquela em que o sujeito age somente em benefício próprio, sem levar em conta as consequências para os demais. A isso, a compaixão se assemelha: isto é, toda ação está respaldada em um interesse particular, é uma relação de poder entre forte e fraco.

Nietzsche ao discutir sobre o egoísmo, propõe então um novo projeto ético com a amizade: as relações humanas se dão a partir de si e do estabelecimento de um afeto com outra pessoa que não a anula, mas sim reconhece quem é.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ANOTAÇÕES SOBRE O EGOÍSMO EM NIETZSCHE E A SUA APROXIMAÇÃO COM A ÉTICA DE PRIMEIRA PESSOA PROPOSTA POR GIUSEPPE ABBÀ
Edson Muryllo Rodrigues Paes

REFERÊNCIAS

ABBÀ, Giuseppe. **História crítica da filosofia moral**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2011.

CANELÓN, Abelardo Bazó. La ética de la primera persona: um cambio de paradigma. **LÓGOI. Revista de Filosofía**. N. 22, p. x–xx, julio-diciembre. 2012. Disponível em: <http://apps.ucab.edu.ve/medialab/logoi/wp-content/uploads/sites/3/2014/08/22bazo.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.

MEDEIROS, Gabriel Heidrich. A superação da compaixão, pelo retorno ao egoísmo. **Revista Lampejo**, n. 2, out. 2012. Disponível em: http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao-2/artigos/Artigo3_Gabriel_17_a_31.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Escala, s. d.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. A crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer em Aurora: o desprezo de si como artimanha de condenação do indivíduo. **Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer**, v. 1, n. 2, p. 04-22, 2º sem. 2010. ISSN: 2179-3786. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/34120/18466>. Acesso em: 13 jul. 2022.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. Amizade versus compaixão: a tentativa nietzschiana de superação do antagonismo indivíduo e cultura. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 355-371, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://pucpr.emnuvens.com.br/estudosNietzsche/article/view/22579/21661>. Acesso em: 11 jul. 2022.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. **Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche**. 2009. 387f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Carlos, São Carlos, SP, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4762/2310.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jul. 2022.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. Três variações sobre o amor na filosofia de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, v. 41, p. 3, sep./dec 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/cniet/a/jYqzYpXkz73z43FsYYZPJG/?format=html>. Acesso em: 13 jul. 2022.

PEREIRA, Gilmar Coutinho. A ética da compaixão como arma de combate ao pior dos mundos possíveis. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 63–82, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/34113>. Acesso em: 12 jul. 2022.